

## AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

**Autores:** MARIA MADALENA SOARES BENÍCIO, MARIA LETÍCIA VIEIRA, CAROLINA JUNIA REIS PAZ, LUDMILA COTRIM FAGUNDES, FLÁVIO EMANUEL GONÇALVES DE ABREU, BÁRBARA BISPO DA SILVA ALVES, DANIEL ANTUNES FREITAS

### Introdução

O Brasil, assim como outros países do mundo, enfrenta a automedicação (ingesta de medicamentos sem prescrição médica) como um problema de saúde pública. De acordo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), o Brasil é o país da América Latina em que a população mais tem propensão a comprar remédios sem consultar um médico. E, destaca ainda, que os medicamentos são responsáveis por 30% das intoxicações no país.

A automedicação é um hábito muito antigo na sociedade, que teve aumento após a Segunda Guerra Mundial quando a quantidade de medicamentos disponíveis cresceu de forma considerável (CHAVES *et al*, 2009). Com o advento da internet, tem-se hoje a disponibilidade de informações em grupos de discussão e sites que colaboram para a prática de se automedicar (SOUZA *et al*, 2008).

Muitos fatores estão relacionados a essa prática, como a falta de informação e a ausência de assistência pelo sistema de saúde (CRUZ *et al*, 2014). Além disso, a falta de obrigatoriedade de apresentação de receitas nas compras de certos medicamentos (MEDEIROS *et al*, 2011) pode contribuir ainda mais para isso.

O objetivo deste trabalho é dissertar sobre os efeitos provenientes da automedicação, assim como sobre o modo que costumeiramente é realizada no nosso país. Destacando, população afetada e em como isso repercute na saúde pública.

### Material e métodos

O presente trabalho trate-se de uma revisão integrativa de literatura que tem o intuito de explorar e avaliar artigos científicos referentes à prática da automedicação. Para a pesquisa, foram utilizadas as base de dados Science Direct, PUBMED e Scientific Electronic Library Online (SciELO/LILACS). A busca foi fundamentada em dois descritores (efeitos adversos e automedicação) aplicando moduladores booleanos, indexados dos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS).

Somente artigos com texto disponíveis na íntegra foram selecionados. Além disso, a busca foi feita apenas em português e não houve restrição por ano de publicação para escolha dos trabalhos.

### Resultados e discussão

Dispondo da metodologia descrita, 20 artigos foram encontrados a princípio. Seguida a essa busca, foi realizada a seleção pelos títulos que levou à quantidade de 11 trabalhos. Destes, após análise dos resumos restaram oito para leitura feita na íntegra. A maioria dos artigos, 12, foi da base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO/LILACS). Não houve resultados para a busca na base de dados PUBMED, sendo assim os oito trabalhos restantes foram da plataforma Science Direct.

Há na sociedade a crença demasiada na relação entre medicamentos e saúde. Esta visão é estimulada pela atual indústria farmacêutica que investe em publicidade, dando mais ênfase em seus produtos. Com o mercado oferecendo a cada dia mais possibilidades terapêuticas aumenta-se o consumo de forma imprópria dos medicamentos (LESSA, 2008).

O costume da automedicação também afeta em grande parte crianças, sendo que nesses casos a “prescrição” habitualmente se faz pela mãe (LESSA *et al*, 2008). Nessa faixa etária, a prática torna-se ainda mais preocupante devido à escassez de ensaios clínicos que demonstrem os efeitos de medicamentos nas crianças, necessitando assim de maior atenção no momento da administração do remédio (CRUZ *et al*, 2014).

Estudo realizado em municípios do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, sobre o uso de medicamentos em crianças de 0-14 anos, observou que a maioria das indicações para o consumo de medicação em crianças foi “tosse, resfriado comum, gripe, congestão nasal ou broncoespasmo (49,7%); febre (5,4%); cefaleia (5,4%); diarreia, ‘má digestão’ e cólica abdominal (6,7%)”. Dentre os medicamentos utilizados para essas doenças, 30,57% foram indicados pela mãe, contra 69,42% indicados por médicos (CRUZ *et al*, 2014). Deixando evidente como é significativa a quantidade de crianças que está exposta aos malefícios que a automedicação pode trazer ao organismo. Outro estudo realizado na região Agreste do Rio Grande do Norte constatou que os medicamentos mais utilizados pelas mães sem prescrição médica foram paracetamol, vitamina C, dipirona, xarope e amoxicilina. Sendo esta última responsável por efeitos colaterais como diarreia, sensação de mal-estar, prurido, erupções de pele entre outros (MEDEIROS *et al*, 2011).

As lactantes também estão entre a população que faz uso de medicamentos sem devida indicação. Estudo feito em Itaúna, Minas Gerais, demonstrou que 54,2% das nutrízes se automedicaram. Fato que constitui um risco tanto para a mãe quanto para o lactente. Dentre os medicamentos tem-se analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios não-esteroidais. Não há nesses grandes efeitos adversos quando usados em períodos curtos. Já medicamentos como ácido acetilsalicílico e naproxeno demonstraram efeitos colaterais para os lactentes (CHAVES *et al*, 2009).

É válido destacar que alguns autores veem a automedicação como uma maneira de desonerar o sistema de saúde, diminuindo a assistência médica, sendo inclusive testada em países desenvolvidos de forma experimental em programas institucionais visando a autonomia do paciente (SOUZA *et al*, 2008). É considerada também pela Organização Mundial da Saúde como parte importante do sistema de cuidados da saúde (CHAVES *et al*, 2009). Autores que defendem esse ponto de vista acreditam que a população deve receber mais informações a cerca dos medicamentos mas sem serem estimuladas ao consumo desnecessário e/ou desestimuladas de procurarem assistência profissional (SOUZA *et al*, 2008).

Realização:



SECRETARIA DE  
DESENVOLVIMENTO  
CIENTÍFICO, TECNOLÓGICO  
E INOVAÇÃO SUPERIOR



Apoio:



## Considerações finais

A automedicação precisa ser um assunto mais e melhor abordado em sociedade, tendo em vista a grande quantidade de pessoas que a pratica. Muitos indivíduos a fim de evitar o sistema de saúde se automedicam, mas isso deve ser analisado já que pode piorar ou “mascarar” a real situação da doença. Além disso, é necessário mais estudos demonstrando os prováveis benefícios que o ato de se automedicar pode gerar para o sistema de saúde e para as pessoas que o utilizam.